



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
PROGRAMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO  
TRABALHO ESCOLAR - GOTE**

**WAGNA LINDEMBERG COSTA LUCAS**

**TRAJETÓRIAS DE EDUCADORAS DA ESCOLA JARDIM BEIJA FLOR, Município  
de Luzinópolis-TO: Tecendo Histórias De Vidas.**

**TOCANTINÓPOLIS – TO**

**2021**

**WAGNA LINDEMBERG COSTA LUCAS**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Gestão e Organização do Trabalho Escolar – GOTE, Universidade Federal do Tocantins-UFT - Campus Universitário de Tocantinópolis/TO, para obtenção do Título de Especialista, sob a Orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

TOCANTINÓPOLIS – TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

CS37t Costa Lucas, Wagna Lindemberg .  
TRAJETÓRIAS DE EDUCADORAS DA ESCOLA JARDIM BEIJA FLOR,  
Município de Luzinópolis-TO: Tecendo Histórias De Vidas.. / Wagna  
Lindemberg Costa Lucas. – Tocantinópolis, TO, 2021.  
23 f.

Artigo de Especialização - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Pós-Graduação em Gestão e  
Organização do Trabalho Escolar, 2021.

Orientador: Rejane Cleide Medeiros de Almeida

1. Educação. . 2. Educadoras. . 3. Memórias. . 4. Histórias de Vida. I. Título

**CDD 372**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**WAGNA LINDEMBERG COSTA LUCAS**

**TRAJETÓRIAS DE EDUCADORAS DA ESCOLA JARDIM BEIJA FLOR- Município de Luzinópolis-TO: Tecendo Histórias De Vidas.**

Artigo Avaliado e apresentado ao Curso de Especialização em Gestão e Organização do Trabalho Escolar – GOTE, da Universidade Federal do Tocantins-UFT - Campus Universitário de Tocantinópolis/TO, sob a Orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Rejane Cleide Medeiros de Almeida, para obtenção do Título de Especialista, no qual o mesmo foi aprovado em sua forma final pela banca examinadora.

**Data de Aprovação:** 05 / 12 / 2020

**Banca Examinadora:**



(Orientador)

Professora Dr<sup>a</sup> Rejane Cleide Medeiros de Almeida  
Fundação Universidade Federal do Tocantins.  
Campus de Tocantinópolis

 (Examinador)

Professor Dr. Marco Aurélio Gomes de Oliveira.  
Fundação Universidade Federal do Tocantins.  
Campus de Tocantinópolis



(Examinador)

Professor Dr. Mauro Torres Siqueira  
Fundação Universidade Federal do Tocantins.  
Campus de Tocantinópolis

Dedico este trabalho aos meus filhos Roberson  
Angel Dí María e Nayôbby Lindemberg  
Schelwesck e meu dedicado marido Roberson  
Silva.

## AGRADECIMENTOS

À professora Dr<sup>a</sup> Rejane Medeiros, pela Orientação.

A Universidade Federal do Tocantins e todos os professores pelo apoio, paciência e a valiosa contribuição para a minha formação pessoal e profissional.

A meu Marido Roberson Silva pela paciência, apoio e carinho.

Aos colegas pelo acolhimento e receptividade.

**Resumo:**

O artigo tem por objetivo apresentar as reflexões realizadas na pesquisa histórias de educadoras da escola Jardim Beija Flor da rede municipal de Luzinópolis, Tocantins. Como objetivo buscou-se analisar as histórias de vida das educadoras, sobretudo a análise sobre a escolha da profissão, as experiências, dificuldades e desafios na docência. A metodologia desenvolvida foi história oral, com histórias de vida e entrevistas semiestruturadas com cinco educadoras (05). O critério de escolha por esta escola é por ter sido a primeira escola do município e com relação à escolha por ser educadoras ocorreu em função desta escola ter em seu quadro funcional, educadoras. es. A pesquisa indicou que as educadoras inicialmente não queriam a formação na educação, não tinham por escolhas serem professoras. Entretanto, essa foi à única oportunidade que tiveram e as conduziram à docência. Todavia, depois que passaram a atuar na educação despertaram um compromisso com a formação de crianças. As dificuldades apresentadas pelas cinco (05) interlocutoras estão relacionadas à falta de compromisso dos pais com a educação dos seus filhos e muitos alunos demonstram desinteresses nas aulas, dificultando o avanço da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação. Educadoras. Memórias.

## Abstract :

The article aims to present the reflections made in the research stories of educators of the Beija Flor school from the municipal network of Luzinópolis, Tocantins. The objective was to analyze the educators' life stories, especially the analysis of the choice of profession, experiences, difficulties and challenges in teaching. The methodology developed was oral history, with life history techniques and semi-structured interviews with five educators (05). The criterion for choosing this school was because it was the first school in the municipality and the choice for being educators occurred because this school had female educators in its staff. The research indicated that the educators initially did not want to be trained in education; they did not choose to be teachers. However, this was the only opportunity they had and it led them to teaching. However, after they started working in education, they awakened a commitment to the education of children. The difficulties presented by the five interlocutors are related to the parents' lack of commitment to their children's education, and many students show a lack of interest in the classroom, hindering the progress of learning.

Keywords: Education. Educators. . Memoirs.

## SUMÁRIO

|                              |    |
|------------------------------|----|
| 1 Título do Trabalho .....   | 10 |
| 2 Introdução.....            | 10 |
| 3 Considerações Finais ..... | 25 |

## REFERÊNCIAS

## **TRAJETÓRIAS DE EDUCADORAS DA ESCOLA JARDIM BEIJA FLOR: Tecendo Histórias De Vidas.**

Wagna Lindemberg Costa Lucas  
Universidade Federal do Tocantins (UFT) <sup>1</sup>  
Rejane Cleide Medeiros de Almeida  
Universidade Federal do Tocantins (UFT) <sup>2</sup>

### **1 Introdução**

A pesquisa desenvolvida em uma escola municipal de Luzinópolis teve como objetivo analisar as histórias de vida de educadoras, da Escola Municipal Jardim Beija Flor de Luzinópolis, Tocantins, por meio de narrativas acerca de suas histórias de vida e ação pedagógica enquanto educadoras. Apresenta como aporte teórico o pensamento de autores como, Elizeu Clementino de Souza (2006), outros que discutem história oral, de vida, e complementando com o pensamento educacional freiriano, levando em consideração a base teórica das obras do autor, nas obras: *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, promovendo um diálogo entre o pensamento do autor e a história de vida das educadoras da rede municipal de ensino da escolinha jardim Beija Flor de Luzinópolis, Tocantins.

Foi elaborado roteiro com questões semiestruturadas para melhor compreender as narrativas das educadoras, afim de que se sentissem à vontade para falar sobre a suas experiências de vida, a sua trajetória acadêmica, percorrendo os caminhos que as levaram a se tornar uma educadora. A metodologia utilizada foi a História Oral, com histórias de vida. Onde tivemos a oportunidade, de compreender melhor sobre a realidade social e o ambiente educacional das educadoras.

O presente trabalho traz uma característica muito peculiar, pois não se trata apenas de um discurso teórico sobre a educação, trazendo um momento particular da vida das entrevistadas, que exercem na educação do município de Luzinópolis um papel histórico, social e reflexivo. Para tanto se utiliza de procedimento metodológico de história de vida, pautadas em entrevistas semiestruturadas, com “narrativas que se caracterizam como

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins – (UFT), Campus, Tocantinópolis, Tocantins, Brasil. Graduada em Ciências Sociais/UFT, Estudante de Graduanda em Pedagogia/UFT, Pós-Graduada em Gestão e Organização do Trabalho Escolar – GOTE/UFT. E-mail. [lindecosta@gmail.com](mailto:lindecosta@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia, docente do curso de Licenciatura em Educação do campo: artes e música, Campus de Tocantinópolis, professora do programa de pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), UFT, Campus de Araguaína. E-mail. [rejmedeiros@uft.mail.edu.br](mailto:rejmedeiros@uft.mail.edu.br)

ferramentas não estruturadas, visando à profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional” (MUYLAERT et al, p.194, 2014), segundo os autores, esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular os interlocutores a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes, a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima (MUYLAERT et al, 2014, p. 194).

Nesse sentido é muito importante que as entrevistadas narrem suas histórias de forma, mas natural possível. Sendo muito importante que haja interação entre os participantes para uma melhor liberdade de expressar-se. Trazemos aqui uma abordagem metodológica, muito utilizada em áreas do conhecimento que procurem de fato entender o indivíduo e sua relação com o meio social, profissional e político em que vive.

Nas áreas das Ciências Sociais as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes e, embora considerem os aspectos metodológicos e teóricos que as distinguem como constituintes da abordagem biográfica que utiliza fontes orais delimitam-se na perspectiva da História Oral. Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica História Oral (SOUZA, 2006, p. 23).

Nesse sentido observamos que a superficialidade trabalhada em uma pesquisa é algo mal visto pois é tido como algo incerto com pouca credibilidade. Pois a “[...] narrativa não tem a intenção de transmitir informação, mas sim de comunicar de forma artesanal” ((MUYLAERT, et al, 2014, p. 194).

Nesse contexto procuramos apontar uma metodologia cujo fundamento é narrar suas histórias, e tentar compreender o que as fazem, ser quem são e fazer o que fazem. Nesse sentido, a possibilidade de narrar o vivido ou passar ao outro sua experiência de vida, torna a vivência que é finita, infinita. Devido à existência da linguagem a narrativa pode se enraizar no outro. Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção de coletivo (MUYLAERT, et al, 2014).

Comprendemos que “a forma oral de comunicar ressignifica o tempo vivido, as coisas da vida, e concomitantemente a ela, emerge o passado histórico das pessoas a partir de suas próprias palavras” (MUYLAERT, et al, 2014, p.194). Segundo os autores:

As funções da entrevista narrativa é contribuir com a construção histórica da realidade e a partir do relato de fatos do passado, promover o futuro, pois no passado há também o potencial de projetar o futuro. Nessa ótica, o recurso da narrativa

coincide com a perspectiva de movimento, no sentido teórico, pois através dela é possível conseguir novas variáveis, questões e processos que podem conduzir a uma nova orientação da área em estudo. A narratividade é um recurso que visa investigar a intimidade dos entrevistados e possibilita grande riqueza de detalhes, em virtude disso, pode ser importante quando determinada área de estudo se encontra estagnada por haver se exaurido a busca por novas variáveis sem conseguir, entretanto, avançar no conhecimento. Ressalta-se ainda que os relatos orais são valorizados porque não são encontrados em documentos (MUYLAERT, e SARUBBI e ROLIM e GALLO e REIS, 2014, p. 194-195).

Nesse contexto, ouvir é transmitir o que ouve de forma a garantir uma reflexão acerca do contexto vivido. O que afirma ser:

Neste contexto as histórias de vida se constituem como um enredo único e complexo que vão desvelando as relações familiares, pessoais, o meio social e cultural onde o sujeito se insere, revelando uma “teia narrativa” onde a carreira profissional e pessoal se desenrolam. As relações e as atitudes que o sujeito tem, consigo próprio e com o mundo, vão sendo desocultadas. (ALMEIDA, 2011, p.5).

Apresentamos a seguir uma contextualização histórica do município onde a pesquisa ocorreu, com dados sobre o mesmo, ressaltando que este é de importância para entendermos a realidade social em que estas educadoras vivem. As questões que buscamos responder estavam ligadas as histórias de vida das Educadoras da escola municipal de Luzinópolis, Jardim Beija Flor. O Quem são e de onde são? O que fazem? Como chegaram ao município? Quais Suas Principais experiências, na educação? E principalmente compreender a História de Vida de educadoras envolvidas na pesquisa.

### **1.1 Contextualização histórica de Luzinópolis:**

#### *Histórico*<sup>3</sup>

Nos anos de 1960, já moravam na região o senhor Sr. Olegário Fernandes, às margens do ribeirão Brejo Feio, na barra do córrego Pedra de Amolar, onde hoje mora o senhor Edinaldo Noletto, outros moradores já também habitavam a região, o senhor Olegário que permaneceu ali por alguns anos. Mesmo após ter vendido a propriedade, ele continuou cultivando a lavoura, e graças à fertilidade da terra, assim como também outras famílias com o mesmo objetivo foram chegando, advindo do Maranhão, do Ceará, Piauí, moradores como o senhor Justino, a família do senhor Muliquim, Senhor Raimundo Flor e sua esposa dona Dodó, e sua irmã dona Linda, o senhor Napolião, senhor Alexandre, Manoel Silora, Mariano

---

<sup>3</sup> Informação Originária de pesquisa, realizada com os conhecimentos das pessoas que viveram essa história; (Roberson Pereira da Silva, José Gonçalo da Costa, 2019 mimeo).

Soares, e Raimundo Nonato, entre outros. Nessa época já existiam o povoado Onças, Palácio, Broco, Canto Grande, Olho D'água, e Barra do Brejo Feio, Reçaca, Buritirana, Peixes, também se faz menção a família do Senhor Feliciano, nessa época se chamava Pedra de Amolar – Território de Tocantinópolis.

No povoado Broco e Taboquinha tinha as famílias do senhor Antônio Negro, e Salustiano (SALÚ), Apolônio, Leontino Labre. O Senhor Norberto Costa, foi fundador do Povoado Canto Grande, hoje região Rancho Velho. As primeiras ruas da cidade foram abertas, nessa época o acesso era uma estrada de rodagem para Tocantinópolis. Nessa época de intervenção, e abertura de novas ruas e reabertura de estradas antigas, sugeriu-se a mudança de nome de Povoado Pedra de Amolar para outro nome, uma liderança o senhor Luiz do Alho sugeriu que Fosse São Francisco, porém o nome escolhido foi Luzinópolis em homenagem ao próprio Luiz do Alho, devido ele ser uma liderança na localidade. Da mesma forma nessa mesma época os membros da comunidade escolheram o seu Padroeiro – São Francisco de Assis.

Começou o processo de crescimento do povoado, como surgimento de novas famílias e novas lideranças. Em 1976 foi eleito o primeiro representante da cidade. Com a criação do Estado do Tocantins em 1988.

Então nos anos de 1990, um grupo de pessoas dentre elas José Gonçalo da Costa, Rita Baiano da Penha, Sebastião Carlo Pinto, Raimundo Lucas (Dandoza), Domingos Almeida, João Aurélio (Batista) Manoel do Lázaro, Antônio Aurélio, Jonas, Henrique, Antônio Novato, Ary Almeida, e outros mais, como parte integrante dos primeiros moradores, juntos conseguiram alavancar um movimento que mudaria os rumos da história, protocolaram o primeiro documento solicitando sua emancipação, este documento foi elaborado por coletiva, anexado a um abaixo-assinado, contendo a assinatura de toda a população residente na localidade de Luzinópolis. E Finalmente, tramitou na Assembleia Estadual, sendo aprovada a criação do município de Luzinópolis.

O Município de Luzinópolis é um município brasileiro do estado do Tocantins. Localiza-se na região norte do estado, denominada região do Bico do Papagaio. Sua população estimada em 2017 era de 3.038 habitantes. Possui uma área de 280,865 km<sup>2</sup>. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,641 segundo a Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000) no que se refere à economia local, dados estatísticos demonstram que, apesar dos significativos avanços ocorridos ao longo dos anos). A economia compõe-se basicamente dos seguintes setores: agropecuária, na produção de leite e carne, arroz, peixe, mandioca, Leguminosas, Frutas cítricas, o coco babaçu, dentre outras. O município se

encontra em uma posição geográfico-privilegiada, do ponto de vista turístico, banhada por mananciais de águas límpidas, uma posição privilegiada, frente a outras cidades, no quesito infraestrutura a cidade dispõe de hotel, pousadas, restaurantes, para o Lazer como Balneários, Estádio de Futebol, Academia, Parque de Vaqueirada entre outros atrativos.

Elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Luzinópolis, pela lei estadual nº 684, de 26-05-1994, desmembrado do município de Tocantinópolis. Sede no atual distrito de Luzinópolis (ex-localidade). Constituído do distrito Instalado em 01-01-1997. Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído do distrito sede. Assim pertencendo em divisão territorial datada de 2007.

### 1.1.2 Mapa de Luzinópolis.

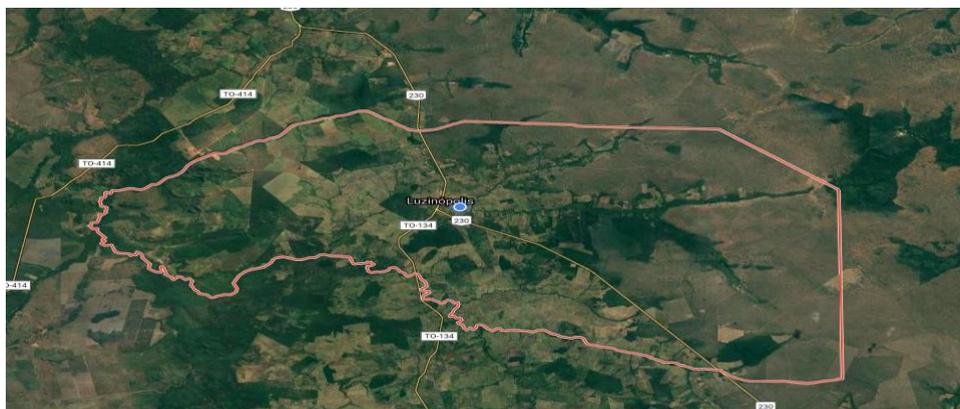


Figura 1 - Mapa Município de Luzinópolis-TO. (Fonte-Google maps)

### 1.2 Contexto histórico da escola Jardim Bela Flor.

A cidade de Luzinópolis foi emancipada em 26 de maio de 1994, sendo sua primeira eleição apenas em 3 de outubro de 1996. Nesse período as escolas municipais funcionavam apenas na zona rural, e havia em funcionamento em Luzinópolis a educação infantil, sendo que as outras modalidades de ensino eram atendidas pela escola do estado.

No dia 8 de maio de 2002, foi criada a Escola Municipal e Creche Jardim Beija-Flor, situada na Avenida Tocantins, nº 355, centro de Luzinópolis, centro, a 74 Km da cidade de Tocantinópolis e aproximadamente 600 Km da capital Palmas, Tocantins. Desde sua criação, a escola Municipal e Creche Jardim Beija-Flor juntamente com a Secretaria Municipal de Educação de Luzinópolis foram marcadas pela passagem de vários gestores. Durante seu funcionamento a escola atendeu a modalidade do ensino fundamental de Educação de jovens

e adultos. Atualmente atende a educação infantil, Educação especial e ensino fundamental primeira fase.

No que se refere ao corpo docente, realizam o seu planejamento semanal e revisão diária. Os professores/as consideram a área pedagógica como a espinha dorsal da educação e procuram atender as necessidades dos alunos levando em conta a sua individualidade e priorizando o sucesso dos alunos. A equipe é composta pelo diretor, a secretária, a supervisora, a orientadora de ensino, os coordenadores pedagógicos, o diretor de merenda, a coordenadora de almoxarifado, além dos auxiliares de serviços gerais, vigias, merendeiras e zeladoras, todos seguem desenvolvendo a suas funções. Nestes tempos de pandemia a situação é difícil em relação ao funcionamento das aulas, especialmente, como desenvolver as funções pedagógicas e administrativas.

A estrutura física da Unidade Escolar atualmente não atende integralmente as necessidades e o perfil exigido pela coordenação de legislação e normas do conselho de educação, mas a conservação do prédio e materiais permanentes é a garantia do compromisso da comunidade escolar que atualmente é a escola Municipal creche jardim beija-flor. Conta com: (11) salas de aula, (01) Pátio coberto, (1) sala de coordenação pedagógica, (01) depósito, (01) almoxarifado, (01) cantina, (03) banheiros, sendo (2) para uso dos alunos e (01) para uso dos professores, além de uma quadra poliesportiva coberta.

A escola Municipal Jardim Beija-Flor está localizada na Avenida Tocantins, 355, Centro de Luzinópolis-Tocantins, CEP nº 77.903-000. Atualmente atende as modalidades de Ensino de Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 5º Ano e Educação Especial nos turnos matutino e vespertino.

A presente Unidade Escolar atende 285 Alunos, das series iniciais do ensino fundamental. Sendo 12 turmas regulares, e 01 de atendimento especializado, pela manhã e tarde. Conta com 13 professores, sem contar o corpo técnico administrativo, zeladores e vigias (Informações orais, professora da escola municipal Jardim Beija-Flor, 2020).

### **1.3 Debates Sobre a Educação;**

Compreendemos que a educação é uma prática libertadora na qual o autor Moacir Gadotti (2003), destaca que na prática docente, não se pode pensar a educação sem pensar a autonomia dos indivíduos, sendo este um pressuposto da liberdade provocada pela ação/reflexão/ação do educador. Para o autor, “todo professor é por função educadora”

(GADOTTI, 2003, p. 68) ou pelo menos deveria ser, pois “o papel do professor é educar através do ensino” (GADOTTI, 2003, p. 71).

Na obra de Gadotti (2003) no primeiro capítulo, intitulado “Porque ser professor?”, Gadotti relembra as ideias de Paulo Freire sobre o sonho, a beleza de ser professor, porém ele também aponta as dificuldades e a desvalorização desta profissão. O autor ainda sustenta que hoje “não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente.” (GADOTTI, 2003, p.15). Mais o que tem de especial nisso? O professor também é um aluno, ou foi um aluno, e querendo ou não continuará a ser um aluno.

Segundo Gadotti (2003) Vasconcellos (1995) faz uma reflexão sobre a realidade no nosso país, o “Brasil logo terá dois tipos de pessoas: os que não comem, porque não têm o que comer e os que não dormem, de medo dos que não comem” (GADOTTI, 2003, p.70) diante desse quadro, o professor deve na sua prática conhecer e respeitar a realidade do outro. Este é sem dúvida o professor reflexivo, cuja prática é constantemente mediada por uma contínua reflexão acerca do papel do outro como ator no cenário educacional, e do seu enquanto professor/educador, leitor de uma realidade que não é a sua, e da mesma forma ter a capacidade de ler a realidade da ação pedagógica e sua influência sobre o outro.

Na obra pedagogia da autonomia de Paulo Freire, o autor diz que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural” onde o mesmo ressalta a perspectiva da assunção afirma que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 1996, p. 18).

A partir do que Freire ressalta se observa que é necessário compreender este universo, vasto e complexo dos alunos, para se compreender enquanto educadora/or. . O professor que consolida a sua ação na produção do conhecimento e desconhece a sua realidade, ou não reflete a sua prática em sala de aula, não se consolida como educadora/o/ que potencializa a práxis pela transformação da realidade.

O grande, intelectual, educador Paulo Freire, traz em suas obras uma constante reflexão, sobre a educação, e da mesma forma um olhar sobre os educadoras/os e educandas/os, no contexto educacional brasileiro. Suas obras refletem tanto uma realidade,

como uma reflexão, uma ideologia, uma filosofia de como é a educação, e principalmente como deviria atuar a/o educadora/o, as singularidades e complexidades de termos, ideias e pensamentos acerca da educação, e o seu papel nas vidas das pessoas. Uma reflexão constante sobre o que é educação.

Paulo Freire (1996) ao trazer o debate sobre o professor reflexivo afirma que, aquele que reflete a sua prática pedagógica deve realizar um movimento dialético e constante acerca do fazer pedagógico. O professor reflexivo é importante, para a continuidade no desenvolvimento da educação humanizadora e libertária. Porém, o autor destaca que o mesmo é importante, mais não é tudo, pois na educação é necessário pensar e, principalmente, pensar sobre o fazer educação. Assim podemos analisar sobre o que a/o professora/o aprende em sua prática docente, seria o que esta/este demonstra em sua prática pedagógica.

Porém para Paulo Freire essa forma de educação, é considerada ingênua, porque ainda não alcançaram os seus objetivos concretos. Pois o conhecimento não existe em sua plenitude. Assim, entendemos que os saberes das experiências são fundamentais, mais não suficientes. Pois não abarca a complexidade do ato de educar. Com relação à reflexão de muitas educadoras em sala de aula, observa-se que trazem uma postura questionadora e desafiadora, onde as mesmas apresentam questionamentos acerca do fazer educação na prática da sala de aula e para além dos muros da escola.

Nesse ponto vemos que a educação não é simplesmente o ato de ensinar, mais de pensar o que ensina, e sobre o que se aprende ao ensinar da mesma forma. . Nesse contexto questionamos acerca da dialética da Pedagogia da Autonomia de Freire (1996) onde se deve fazer, pensar sobre o fazer, e fazer melhor, de uma forma continua.

Outro autor que nos auxilia a compreender o papel do/a educador/a é Antônio Gramsci (1999, p. 18) que nos proporciona um debate sobre os intelectuais e a organização da cultura que destaca: “Todos os homens são intelectuais”, mas, em se tratando do professor, pelo que imprime o caráter da profissão, esta dimensão vai além, tornando-o não só intelectual (de classe), mas intelectual transformador da realidade social.

Nesse sentido como acentua Gramsci, sobre a formação do jovem, onde [...] a educação do jovem é determinada por todo este complexo orgânico, pelo fato de que, ainda que só materialmente, ele percorreu todo aquele itinerário, com suas etapas, etc. (p.48), tal qual Freire atribui sobre o ato de educar, no qual “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção” (FREIRE, 1996 p. 38), e o professor enquanto intelectual possibilita por meio da dialogicidade o sentido e significado da educação. Como intelectual da classe trabalhadora como é o/a educador/a as relações estabelecidas pelos/as educadores/as

ocorrem pela forma em que a sociedade está organizada estruturalmente, na esfera econômica e social, assim como no campo ideológico, entendendo que é isso que constitui o indivíduo. Segundo o pensamento de Freire (1996), não há dúvida de que a educação bancária<sup>4</sup>, tradicional, nesta sociedade é marcada por uma prática imobilizadora e silenciadora (FREIRE, 1996, p. 38).

Não é de estranhar, pois, que nessa visão ‘bancária’ da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quando mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele (FREIRE, 2005, p. 68)

E da mesma forma ele não se vê por novas lentes, não se permite refletir, de forma autônoma, não se permite sair da caverna, a lógica ainda seria de uma educação que Paulo Freire chama de bancária, tradicional, onde o educador/a não se percebe como produtor de culturas, nem os seus educandos/as como agentes produtores/as de culturas, apenas como receptores de um determinado conhecimento.

O pensamento de Freire sobre a educação é um reflexo do seu pensamento inovador e principalmente sensível às causas sociais, e a militância em defesa de uma educação de qualidade. Quando debatemos esse contexto da educação do oprimido, onde o opressor exerce sobre o indivíduo oprimido uma força proporcional de exploração, no qual o analfabeto desenvolve um papel de submissão frente aos outros indivíduos ditos, patrões. Nesse tocante a educação vem libertar o seu pensamento infante, e comedido, que através da educação vem desvendar o mundo, buscando uma liberdade tão sonhada, e o mais importante, promovendo a libertação de homens e mulheres presas sob a lógica do capital.

O autor Paulo Freire vem trazendo essa perspectiva libertaria na obra *Pedagogia do oprimido*, além das outras obras que dão continuidade e abrem o leque de argumentos sobre a educação, na formação do educador, e no ato de ser professor/a que reflete a sua prática pedagógica. Outro ponto que consideramos ser fundamental é uma ação conjunta para se pensar o novo perfil formativo do novo educador/a, da educação básica brasileira, esse que por sua vez compreende um novo cenário cultural, aonde os alunos que chegam às salas de aulas carregam novos saberes culturais, dimensões tecnológicas e digitais.

Gadotti (2003) sustenta que hoje “não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente” (GADOTTI, 2003, p.15). Porém, a educação passou por

---

<sup>4</sup> Para Paulo Freire, a Educação Bancária, se constitui em modelo de educação que tem como pressuposto que o aluno nada sabe e o professor é detentor do saber. É uma crítica do Autor, e faz parte da obra *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*.

transformações ideológicas no sentido mais amplo, de dominação, atingindo a educação de forma muito forte, aparelhando um sistema cujo objetivo seria preparar os indivíduos, no caso as crianças para se tornarem adultos melhores, e mais capazes, porém a sua real formação seria no princípio da obediência e voltada para o trabalho.

Assim:

A educação se torna um ato de depositar, em que os educados são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionados ou fixadores das coisas que arquivamos. No fundo, porém os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses), equivocada concepção “bancária”, da educação (GADOTTI, 2003, p. 15).

Nesse sentido é importante o papel do professor reflexivo, trazidos pelos autores Selma Garrido Pimenta e Evandro Ghedin (2002), em sua obra, os mesmos se detém na análise das origens, dos pressupostos, dos fundamentos e das características dos conceitos de professor reflexivo (aquele que reflete sobre a sua prática) e professor-pesquisador no movimento de valorização da formação e da profissionalização de professores surgido em diferentes países a partir dos anos 1990, e a sua influência em pesquisas e nos discursos de pesquisadores e de políticos brasileiros. Obra fundamental para a formação do/da professor/a, pois promove uma ação crítica ao profissional da educação, aparelhado e cuja visão estrita não soma, na vida dos alunos, não os respeita como produtor de cultura, produtor de conhecimentos, apenas como ser receptivo.

Em relação ao ensino nas serie iniciais se trabalha a alfabetização, leitura e interação, por isso é importante ler, pois a leitura não é só para o aluno, ele possui um papel amplo na vida dos indivíduos, segundo Freire, em a importância do Ato de Ler traz importância da leitura para uma melhor compreensão do mundo a sua volta. A metáfora do lápis é usada para elucidar a questão do conhecer, do ler, onde se é possível compreender o mundo ao seu redor. “Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler a canet [...] ”. (FREIRE, 2008. p.13)

## **2 Histórias e Memórias de Vida das Educadoras do Colégio Beija Flor de Luzinópolis, Tocantins**

Sobre história oral Portelli (1997) define como uma ciência, na qual,

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderá constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997, p. 16).

A memória na perspectiva do autor está ligada a experiência individual, no ato de lembrar. Entretanto, a mesma se constitui de elementos sociais e culturais. Por se constituir dessa forma, a memória apresenta elementos de interações do indivíduo e os processos de sociabilidades.

Ao narrar sua história de vida, as entrevistadas deu um “mergulho” no tempo para, vasculhar a memória, revisitar momentos e fatos, componentes indispensáveis na tessitura de sua trajetória, e com isso colocar suas experiências como marcas para outras histórias, aquelas construídas pelos seus alunos, considerando que “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que a escutam” (BOSI, 1998, p.43, grifos nossos).

Nesta seção apresentaremos a perspectiva das narrativas das nossas interlocutoras, mulheres, educadoras do ensino básico na qual nem sempre a educação foi uma escolha. No caso das nossas interlocutoras foi uma necessidade e, a única possibilidade de formação e trabalho, nesse sentido iniciamos relatando sobre o perfil das mesmas, tentando elucidar como chegaram na cidade, e seu descobrimento como educadoras:

Sou de Luzinópolis, fiz magistério em Luzinópolis, fiz faculdade em Tocantinópolis, fiz Pedagogia, me tornei professor em 1996, trabalho com alunos do EJA, educação de jovens e adultos. Passei a trabalhar a noite. Não eram só jovens, eram de todas as idades. Não tive a oportunidade de buscar outra formação em outra área, então resolvi dar continuidade na minha formação na área da educação. Ser uma educadora fiz faculdade e continuei trabalhando na educação. Em 1999 fiz o primeiro concurso. Primeiramente que me levou a trabalhar na educação, foi à falta de oportunidades de sair do meu município para outra cidade. Eu não tive essa oportunidade. Então a oportunidade que eu tive foi de me formar em magistério, e assim em tornei uma professora. (ENTREVISTADA A, 2020).

Naquele tempo não tinha muita opção, eu tirei uma licença da professora Maria Zélia, e fiquei no estado, depois trabalhei um ano no estado, e fui para o município. Na época era somente uma sala de criança pequena, eu tive que sair nas casas matriculando. (ENTREVISTADA B, 2020).

Nasci e me criei aqui no município de Luzinópolis, estudei até a 8ª série aqui na Escola Jk de Oliveira e como aqui só tinha o Magistério, e não queria jamais fazer magistério fui estudar em outro município em Nazaré em busca de outro curso que não fosse na área da Educação. Mas chegando lá minha irmã me matriculou no magistério. Então eu iniciei o magistério lá, fiz o primeiro ano. E fui chamada para trabalhar no município de Luzinópolis, no povoado Brejo feio na Escola Ruy Barbosa. Iniciei minha carreira lá, trabalhei dois anos com multisseriado (ENTREVISTADA C, 2020).

As narrativas das educadoras apresentam destaques sobre a falta de prestígio na educação. E apresenta as mesmas como mulheres de pobres de Luzinópolis, e de outras cidades, cujos parentes residiam no município. E para cá migraram, buscando na educação uma forma de contribuir com o sustento de suas famílias. Mostrando a realidade enfrentada nas anteriormente na década de 90 pela maioria das mulheres educadores dessa região do bico, cujas cidades ainda não tinham se desenvolvido minimamente seus mecanismos de gestão, locomoção e acesso, a uma unidade educacional, com condições mínimas de atendimento ao aluno, assim como o próprio sistema nacional de educação, cujo LDB só vem surgir em 1996. Essa perspectiva serve de reflexão sobre o cenário nacional da época.

Analisamos que no cenário dos campos profissionais das licenciaturas se constituem formações voltadas para classe trabalhadora e em muito os casos mulheres, pobres e chefes de família, definido o lugar social nas dimensões das atuações de trabalho na sociedade. As histórias de vida possibilitam conhecer a vida das pessoas, por meio das trajetórias históricas, isso ocorre por meio de elementos das relações constituídas durante suas vidas.

Moacir Gadotti (2003) na sua obra *a Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*, o autor fala, da beleza de educar, onde a “beleza existe em todo lugar”. Esse contexto é evidenciado na forma de fala das professoras no que se refere às coisas simples do princípio educativo, onde a formação da cidadania ganha uma externalidade nas pequenas atitudes destas crianças. Como apresenta uma das entrevistadas acerca de suas experiências.

Uma das minhas melhores experiências na educação até hoje, foi a convivência foi, foi o aprendizado que eu tive, porque eu passei a me dedicar mais até a estudar mesmo, para mim poder repassar, tive que estudar. Foi o contato como outras professoras, as formações, tudo isso me ensinou, trouxe uma novidade, trouxe uma história [...] foi trabalhar com as crianças, e perceber que os que passaram por mim estão na faculdade, casados, solteiros, isso nos torna feliz. (ENTREVISTADA A, 2020).

Uma dessas evidencia é o relato das professoras com relação à questão afetiva dos alunos para a mesma. Em uma relação empática, e de confiança que influencia que na produção da própria criança, o educador ensina a escrever e a criança retribui pensadamente, como gesto de retribuição do aluno em uma produção pessoal para o educador (a).

Eu ainda tenho bilhetes de crianças guardados até hoje. Eu tenho do Diogo do Ary, tenho uma foto do neto da Ermenegilda, que ele me deu, uma foto da menina da Dina. É muito gratificante, eu nem lembrava que eu tinha esses bilhetes, um dia um fui arrumando umas coisas e encontrei, é muito gratificante. O do Diogo ele estava na primeira Série e já estava escrevendo e ele escreveu uma cartinha pra mim. É muito gratificante essas coisas. Muitas vezes a gente pensa que não é valorizado e é. Tem o Murilo da Luciana da farmácia, ainda hoje eu tenho um baú, que ele me deu. Tem história que a gente não esquece (ENTREVISTADA B, 2020).

Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. “A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar” Gadotti (2003, p.11), em sua obra o autor traz questionamentos sobre o ser professor/educador e o “Por que ser professor?”, Gadotti (2003) ele relembra as ideias de Paulo Freire sobre o sonho, a beleza de ser professor, porém ele também aponta as dificuldades e a desvalorização desta profissão. Com relação a esta dificuldade, é que relatamos as encontradas pelas educadoras. Sobre essas dificuldades, o que se evidencia com mais força?

A dificuldade que encontrei no início foi vir a andando do povoado Onças, para dar aulas, aqui. Em Luzinópolis! É só uns três quilômetros, mas eu vinha a pé e voltava a pé. Saía de lá 12 horas. Uma hora já tinha que está na sala e voltava cinco horas. Às vezes chegava lá 18 horas, por aí, e com criança pequena também. Então eu tive muita dificuldade. Mais também muito grata também, eu gosto da profissão que exerço principalmente com os pequenos. Eu sempre gostei de dar aulas, para os pequenos, as crianças. E a dificuldade que enfrentei e enfrento até hoje, são as mudanças, cada ano é mudando, principalmente nesse ano, com essa pandemia, aulas on-line sem as crianças em sala. Então essa é uma dificuldade (ENTREVISTADA, B, 2020).

Tenho 23 anos de serviço e não era o que eu queria mais não me vejo em outra profissão. Hoje não me vejo outra profissão. Eu amo de paixão ser professora. Trabalho com amor, por amor e, jamais me mudaria de profissão, o melhor que minha irmã fez para mim, para minha vida foi me matricular no magistério. (ENTREVISTADA C, 2020).

Uma das maiores dificuldades que eu encontro hoje é a falta de compromisso de certos pais, porque acha que o professor tem que fazer o papel deles (pais). Assim o sistema de ensino mudou muito. Antigamente você via, por exemplo, eu quando estudava os meus professores podia falar o que fosse. Se o meu professor dissesse Andréia foi assim, a fala que valia era do professor. Hoje em dia não, hoje em dia os pais querem cobrar, querem que o professor faça o papel de pai também em sala de aula. É uma das maiores dificuldades que encontro hoje. É essa, falta de acompanhamento falta de compromisso para com o filho não todos que sempre tem exceção têm uns que vale a pena você vê (ENTREVISTADA, D, 2020).

Nesse contexto o que se observa é que o ser mulher e ser educadora em uma cidade pequena em uma época que o povoado passaria de município, seria um reconhecimento, uma conquista, independência, sobrevivência, além de pertencimento. Noções essas que a mulher educadora, se via em uma realidade, que até então não imaginava estar. A educação de modo

geral e em específico a escola formal visa educar para a cidadania, em especial para transformar a realidade social e, sobretudo promover a humanização dos sujeitos e da diversidade cultural na qual são constituídas/os.

A educação é, portanto libertaria na perspectiva Freiriana, e mesmo que as nossas interlocutoras não tivessem escolhido ser professora, ainda sim, se constituíram em processos de formação por meio de experiências de ensinar e aprender.

### **3 Considerações finais**

Acreditamos ser possível, compreender o universo das educadoras, a realidade local, a educação local, principalmente como as mulheres educadoras lidam com as questões sociais, políticas, educacionais.

Assim percebemos que a capacidade de resiliência das mulheres educadoras, no município de Luzinópolis, cujas dificuldades enfrentadas pelas mesmas não as impediram de participarem do processo de transformação de vidas dos seus alunos, assim como das suas.

Portanto, compreendemos que as interlocutoras tiveram grandes dificuldades no principio de suas vidas, e a educação se torna uma opção de sustento para as mesmas e suas famílias, e aos poucos a educação se torna essencial como profissão e, também, nas vidas das famílias das crianças dessa cidade pequena. Pouco a pouco se apaixonam pela profissão, tornando-se mais que profissionais da educação, construtoras de histórias de vidas dos membros desta comunidade.

O presente trabalho, cuja proposta seria compreender as historia das mulheres educadoras e o contexto social de Luzinópolis, traz consigo oportunidades de refletir a nossa vida cotidiana, o nosso papel como ser humano, o nosso olhar sobre nossos professores (as) que nos incentivaram a buscar um caminho diferenciado. Dedico esse trabalho as minhas professoras que potencializaram o sentido da educação. .

### **Referências**

ALMEIDA, Carla Verônica Albuquerque. **Trajetórias e memórias de uma educadora: Narrativas de formação.** V Colóquio Internacional, educação e contemporaneidade. São Cristovão, Sergipe, 2011.

Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GIL, Antônio. Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PIMENTA, Selma. Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica do conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

MUYLAERT, Camila. Junqueira; SARUBBI JUNIOR, Vicente; ROLIM, Paulo Rogério; ROLIN NETO, Modesto Leite. REIS, Alberto Olavo Advincula. **A importância das narrativas em pesquisa qualitativa**. In: 3º Congresso Ibero-americano em investigação cualitativa, 2014, Badaroz. Libro de Actas de "3º Congresso Ibero-americano em investigación cualitativa", 2014. v. II. p. 101-105.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

SANTOS, Antônio. Raimundo. dos. **Metodologia Científica: a Construção do Conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SOUZA. Elizeu Clementino de, **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 Cadernos do cárcere, volume 2 / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.